



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

SARA GOMES DOS SANTOS

ERA DO ESPELHO: A CAPTURA DO OLHAR NAS REDES SOCIAIS

CAMPINA GRANDE

2016

SARA GOMES DOS SANTOS

ERA DO ESPELHO: A CAPTURA DO OLHAR NAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo em bacharel/licenciatura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jailma Belarmino Souto.

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Sara Gomes dos.
Era do espelho [manuscrito] : a captura do olhar nas redes sociais / Sara Gomes dos Santos. - 2016.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

1. Psicanálise. 2. Narcisismo. 3. Redes sociais. 4. Imagem corporal. I. Título.

21. ed. CDD 150.195

SARA GOMES DOS SANTOS

ERA DO ESPELHO: A CAPTURA DO OLHAR NAS REDES SOCIAIS

Artigo, apresentado ao Programa Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo em bacharel/licenciatura.

Aprovada em: 18/10/2016.

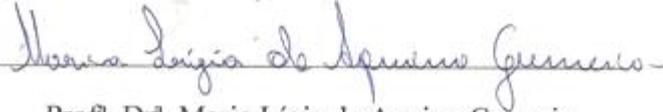
BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª. Dr.^ª. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Lígia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Um dia, há muito tempo, dei com uma fotografia do último irmão de Napoleão, Jerônimo (1852). Eu me disse então, com espanto que jamais pude reduzir: “Vejo os olhos que viram o Imperador”. Vez ou outra, eu falava desse espanto, mas como ninguém parecia compartilhá-lo, nem mesmo compreendê-lo (a vida é, assim, feita a golpes de pequenas solidões), eu o esqueci”.

Barthes, A Câmara Clara.

ERA DO ESPELHO: A CAPTURA DO OLHAR NAS REDES SOCIAIS

Sara Gomes dos Santos¹

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo realizar uma discussão sobre a exposição da imagem corporal nas redes sociais. Para tanto, traz-se uma análise sobre as mudanças na sociedade contemporânea e suas influências na constituição e significação dos sujeitos, bem como a função do olhar e a tomada do outro como objeto de satisfação do gozo do sujeito narcisista. Como aporte teórico, faz-se uso de estudos de Freud (1996), Lacan (2008), Quinet (2002), Bauman (2001), entre outros. As redes sociais como ponto focal do estudo, nos faz refletir como estamos vivendo a era do espelho, em que a imagem se sobrepõe ao ser, emergindo assim, sujeitos narcisistas, individualistas e, transformando a vida privada em um espetáculo. O que foi criado como um veículo de comunicação para aproximar os sujeitos, hoje é tido como um meio que cria laços sociais superficiais.

Palavras-Chave: Psicanálise, Narcisismo, Redes sociais, Imagem corporal.

¹ Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: sa.ahgomes@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea a comunicação exerce, entre outras coisas, poder de organização e mediação social, promovendo trocas simbólicas. No entanto, por vezes, essa comunicação é imposta ao sujeito de forma imediatista e efêmera, que ressalta o individualismo.

Com a consolidação da *cibercultura*, a Internet passou a ser um campo de criação e expressão de subjetividades; as redes sociais estão moldando opiniões, induzindo comportamentos, influenciando na personalidade e constituição do sujeito, fazendo com que estes se apresentem do modo como querem ser vistos pelos demais, e assim, “tornando-se palco da ‘espetacularização’ da vida cotidiana, em uma profusão de imagens compartilhadas instantaneamente via computadores e dispositivos móveis” (LIMA, 2015, p. 11). Com isso, pode-se dizer que as identidades e as subjetividades são espaços que estão em constante transição, vivendo a movimentação, a fluidez das novas formas culturais.

Nesse processo de transição, identifica-se a fusão entre o que é público e o que privado, o que leva a um empuxo ao culto da própria imagem e uma exibição/exaltação pessoal, que demarca o narcisismo contemporâneo, fruto do desejo de admiração e aprovação. Um dos exemplos que representam essa realidade é o *selfie* (autorretrato), que se tornou um verdadeiro fenômeno, na vida cotidiana das mídias.

Inferese que, o fenômeno das redes sociais, e especialmente, o *selfie*, aparece como uma forma de dar-se a ver que leva o sujeito a experienciar o prazer em ver e ser visto, de exhibir-se ao olhar do Outro. Vê-se assim, uma supervalorização do eu por meio do apelo da imagem e do ser visto. A visibilidade contemporânea, desse modo, passa a legitimar os fatos e eventos através de publicação/visualização destes.

Segue nessa cultura virtual a construção de um “eu performático”, que aparece como uma fantasia de ser perfeito que alimenta a busca por aprovação e reconhecimento, uma espetacularização que se forma para atrair a atenção e capturar o olhar do outro para suprir a sua falta.

A presença do olhar do Outro nesse tipo de relação narcisista, legitima e exalta a representação da imagem construída de ser desejado. No palco das redes sociais em que todos querem ser protagonistas, coloca-se em tela um gozo em que todos gozam e se tornam objetos de gozo.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivos analisar a exposição da imagem corporal nas redes sociais no contexto atual, bem como relacionar o mundo virtual à exposição dos sujeitos; discutir a posição do sujeito exibicionista e voyeur nas redes sociais e desse modo refletir sobre a inversão a vida privada, em prol da exposição, tendo como palco as redes sociais. Justificamos a pertinência desse trabalho, na crescente adesão às redes sociais e novo modo de comunicação que nem sempre se configura como laço social.

2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao longo dos anos a sociedade passou por diversas mudanças que foram marcadas pelo advento e evolução do capitalismo, da globalização, da *cibercultura*, entre outras. Em função dessas mudanças, alguns autores classificam a sociedade contemporânea como: sociedade do espetáculo (Debord, apud Birman, 2003), do consumo, escópica (Quinet, 2002), líquida (Bauman, 2001), narcísica (Lasch, apud Birman, 2003) entre tantos outros termos.

As mudanças pelas quais a sociedade contemporânea tem passado estão diretamente ligadas à revolução tecnológica e informacional. Esta por sua vez, vem constituindo-se em uma cultura virtual em que a comunicação ou os relacionamentos interpessoais não são feitos de forma presencial, mas com o auxílio de equipamentos e tecnologias de comunicação que simulam esse contato real. Essa *cibercultura* que marca um campo de criação e expressão de subjetividades traz implicações na sociedade e para os sujeitos, especialmente, no modo de pensar, viver, produzir, consumir e se comunicar. Falaremos sucintamente da visão desses autores sobre esses aspectos da sociedade contemporânea.

2.1 Sociedade Líquida

O termo liquidez trazido por Bauman (2001) em seu livro “Modernidade líquida”, propõe a ideia de que os líquidos não têm uma forma, eles são fluídos e moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos, e assim é a sociedade atual, moldável e constituída a partir do tempo-espço em que se encontra.

De acordo com Bauman (2001), a sociedade atual - modernidade líquida - é firmada sobre uma base sem moldes, fluida, em que não se consegue um projeto de longa duração, ou seja, tem a construção dos desejos humanos balizada para o agora, sem projeção para o futuro, a longo prazo. Para esclarecer seus pensamentos sobre a sociedade líquida, o referido autor usa da metáfora do caçador, esse é identificado como aquele que defende os terrenos de sua ação de toda e qualquer interferência humana, pois esse repousa sobre a crença de que as coisas estão no seu melhor estágio quando não são modificadas, ou seja, a metáfora repousa sobre a ideia de que tudo está funcionando bem, mesmo que paradoxalmente em constante mutação.

Bauman (2001) refere-se com isso, ao fim das utopias, a perda do caráter reflexivo e da noção de progresso que é compartilhado e não individualizado. No entanto, a sociedade líquida busca o prazer individual e não coletivo.

As mudanças decorrem da noção tempo-espaço, tudo se transforma, o que era figurativo torna-se real, o real é substituído pelo virtual, as imagens ganham cada vez mais força, o processo criativo de construção de vida é submetido aos dizeres do mercado. Na liquidez em que a sociedade atual se encontra o que “conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes ocupa, espaço que, afinal, preenche apenas ‘por um momento’” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Essa sociedade – líquida – é marcada pela falta de normas, pela conquista da liberdade de escolha, no entanto, essa liberdade fica restrita pelos ditames do capitalismo, assim o mercado/consumo é quem sinaliza às regras de como o sujeito deve agir, pensar, etc. É uma sociedade em que o sujeito embasado pelo consumo só tem a si como referencial para construção de sua vida, já que o processo de progresso para construção coletiva foi substituída pela individualidade.

2.2 Sociedade Narcísica

Com o avanço do capitalismo e do mercado de consumo, percebe-se uma tendência à individualidade e a busca exacerbada para enquadrar-se no padrão imposto pela sociedade do espetáculo (LIMA, 2015). Com isso, o que domina a sociedade é o presente, a era do espelho das redes virtuais, as grandes marcas e, não mais a pertença ao enraizamento no passado, na tradição.

A sociedade do espetáculo, assim como a narcísica, cultua a passagem do “ser” para o “ter”, objetos substituindo valores éticos. Esses modos de subjetivação

predominam como estimuladores da exterioridade e do enaltecimento do eu, personificado pelo apelo e culto a imagem, como a “condição *sine qua non* para o espetáculo na cena social e para a captação narcísica do outro” (BIRMAN, 2003, p 188).

A sociedade narcísica é fundada pelo culto a aparência física, em que há uma exaltação a imagem refletida no espelho, elevando-se a admiração da própria imagem e, assim, evocando o individualismo nas relações. A palavra narcísica advém de Narcisismo que por sua vez, teve como origem o mito de Narciso. Na mitologia grega, Narciso era um jovem que ficou conhecido por sua beleza e também pela impossibilidade de se contemplar, pois isso lhe renderia vida longa. Mas ao ver-se refletido nas águas de uma fonte, ele se apaixona por si e, em busca desse amor impossível, Narciso, mergulha e funde-se consigo mesmo sucumbindo na própria imagem (VIANNA, 2014).

Em o mal-estar na civilização, Freud ([1930]/1996) nos fala sobre a busca pela felicidade a qual todo ser humano se submete. No entanto essa felicidade se vê ameaçada quando o sujeito se depara com três grandes impasses: a finitude do próprio corpo, as adversidades do mundo externo e, as relações com os outros. Assim, diante das impossibilidades postas ao sujeito na busca pela felicidade, este irá fugir do desprazer utilizando de mecanismos inconscientes, como o deslocamento da libido e a sublimação dos instintos. No entanto, o narcisista, inclinado à autossuficiência, buscará as satisfações principais em seus eventos psíquicos internos; o homem de ação não largará o mundo externo, no qual pode testar sua força (FREUD, [1930]/1996). A sociedade narcisista vive para si mesma, cercada de espelhos em que cada sujeito procura neles a aparência de um “eu” socialmente valorizado e aceito pelos outros.

2. 3 Sociedade Escópica

A sociedade escópica é descrita como aquela que é comandada predominantemente pelo olhar, onde o olhar do Outro faz a lei (QUINET, 2002). A sociedade escópica alimenta o gozo do sujeito narcísico, pois nutre seu ego em virtude do ser olhado.

Nessa sociedade em que se busca o espetáculo, o sujeito coloca-se em dupla posição, assumindo em dado momento a função de mostrar-se para ser desejado, como objeto de desejo e, em contrapartida coloca-se como espectador. “O olhar que sustenta o

escopismo generalizado, faz existir o outro como receptor e detentor de gozo conferindo-lhe uma existência na vigilância” (QUINET, 2002, p. 251).

Assim como Lacan no Seminário 11 questiona “O que é a pintura?”, podemos nos perguntar quem é esse sujeito imerso nessa sociedade do espetáculo. E assim nos diz Lacan:

Queres olhar? Pois bem, veja então isso! Ele (o pintor) oferece algo como pastagem para o olho, mas convida aquele a quem o quadro é apresentado a depor ali seu olhar, como se depõem as armas. Aí está o efeito pacificador, apolíneo, da pintura. Algo é dado não tanto ao olhar quanto ao olho, algo que comporta abandono, deposição do olhar (1964, p. 99).

Portanto, se na obra de arte autêntica, “é como sujeito, como olhar, que o artista pretende, a nós, se impor” (LACAN, 1964, p. 98), na sociedade escópica, o sujeito busca encontrar o olhar do Outro.

Todas as mudanças geradas na sociedade atual, conseqüentemente afetam os sujeitos desse contexto. Nesse sentido, discutiremos as novas formas de subjetivação e as relações com o corpo na contemporaneidade.

3 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SIGNIFICAÇÃO DO CORPO

Atualmente, o corpo tem sido um marco nas relações entre os sujeitos havendo assim, uma troca em mostrar-se a si mesmo e aos outros. O corpo na contemporaneidade vem sendo espetacularizado, levando a uma exposição, sem limites, da imagem.

Teorizando o corpo à luz da psicanálise, percebe-se que o momento crucial foi o trabalho de Freud com as histéricas, em que este contrapõe o corpo biológico ao corpo significado e marcado pelo desejo inconsciente, pelo sexual e pela linguagem (NETO, 2008).

O corpo na vertente lacaniana é aquele marcado pelo significante e habitado pela libido, corpo erógeno e singular. Corpo de desejo e, portanto, de gozo. É aquele habitado pela linguagem.

A partir dos estudos sobre a sexualidade, Freud desenvolveu um conceito fundamental para a psicanálise, a pulsão. Costuma-se referir ao conceito de pulsão (*Trieb*) como aquele que designa o limite entre o somático e o psíquico, um conceito-limite ou conceito fronteiro. A pulsão também pode ser definida como: a representante

(*Repräsentant*) psíquica dos estímulos nascidos no interior do corpo e, como uma medida de exigência de trabalho imposto ao psíquico devido sua relação com o corpo. Para Freud ([1923]/1996), a pulsão é uma força constante e o corpo pulsional é a matéria prima para construção do corpo narcísico. No primeiro estudo das pulsões – Primeira tópica – Freud ([1900]/1996), considerava que os lugares psíquicos são constituídos pelo Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente, em que cada um tem o seu tipo de processo e sua energia de investimento, não podendo exercer funções contraditórias, assim, havia um dualismo de pulsões que foram chamadas de pulsão de vida e pulsão sexual.

A partir do texto *Mais Além do Princípio de Prazer* (FREUD, [1920]/1996) com a fundamentação da segunda tópica, adveio o dualismo pulsional – pulsão de vida e pulsão de morte – com isso, começou-se a pensar no eu corporal.

O ego é, primeiro e acima de tudo um ego corporal, não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície. Se quisermos encontrar uma analogia anatômica para ele, poderemos identificá-lo melhor com o homúnculo cortical dos anatomistas, que fica de cabeça para baixo no córtex, estira os calcanhares, tem o rosto virado para trás e, como sabemos, possui sua área de fala no lado esquerdo (FREUD, [1923]/1996 p. 39-40).

Para Lacan, a constituição da imagem do corpo próprio, através da elaboração do registro do Imaginário e do esquema conceitual proposto pelo estádio do espelho, é de extrema importância para a formação do eu. Ainda segundo Lacan ([1975]/1986), é no estádio do espelho, que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu.

No entanto, o eu é construído a partir de uma alienação, pois este se constrói primeiro através do Outro, por meio da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante. A constituição do sujeito a partir de um Outro, através do qual o “eu” é levado a conhecer o mundo, aponta para a questão da alteridade. Essa alteridade pode ser vista em Freud ([1900]/1996), na primeira tópica, com a nomeação do eu ideal e do ideal do eu, a partir da noção de constituição do eu através do narcisismo e; na segunda tópica ([1920]/1996), com a criação do eu a partir de um processo de modificação do Id. O eu é uma parte do Id que se modifica no contato com a realidade, com o mundo externo. O id seria uma figura de alteridade que, a partir de diferenciações, produziria diferentes instâncias como os atravessadores alteritários no eu, o ideal do eu e o supereu (MOREIRA, 2009).

Partindo da ideia de que a imagem do corpo próprio em identificação com o outro e com o mundo externo é um processo pelo qual o eu se constitui, Freud afirma:

Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo ([1914]/1996, p. 84).

Com isso, afirma-se a importância da imagem na causalidade psíquica e na passagem ao narcisismo.

A partir do registro do simbólico o estágio do espelho e, a alienação na imagem é substituída pela alienação estrutural ao Outro da cadeia significativa, que é, na verdade, a primeira operação de causação do sujeito. Com o avanço dos estudos o estágio do espelho se articula ao registro do Real e introduz o olhar como objeto *a* no lugar do Outro (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002). Sobre isso, Quinet nos fala:

Na experiência do espelho, olhar é esse objeto que escapa do corpo do Outro materno que observa o sujeito diante do espelho em estado de jubilação. Objeto fugaz e inapreensível, mas cuja presença situa a experiência especular no âmbito do espetáculo dominado pela pulsão escópica (apud CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

Freud não caracteriza a pulsão escópica como sendo correspondente de uma fase específica do desenvolvimento libidinal, mas que ela pode se perpetuar na vida adulta. Os destinos (autoerotismo, voyeur e exibicionismo) pelos quais a pulsão escópica se apresenta estão diretamente ligadas ao narcisismo, visto que, o voyeurismo abandona o próprio corpo, mas o exibicionismo permanece; a pulsão de olhar passiva mantém o objeto narcísico, assim a pulsão escópica permanece presa ao narcisismo (QUINET, 2002).

A teoria lacaniana indica que o corpo é marcado pelo significativo, no qual o inconsciente se escreve e pode ser decifrado. O corpo que nos interessa não é o corpo “matéria”, mas sim o corpo falante, aquele que é atravessado pela linguagem. O corpo simbólico faz com que o corpo real nele se incorpore. Sobre essa linguagem que atravessa o corpo e dá espaço para o inconsciente ser decifrado, nos diz Lacan:

A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo do avarento (apud CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

Assim, enquanto o corpo biológico obedece ao estado orgânico e anatômico dos órgãos, o corpo para a psicanálise, é aquele que obedece às leis do desejo inconsciente que se apresenta sob uma lógica de representação, constituída por uma linguagem própria de cada sujeito. O corpo falante, nas trocas no laço social, faz modificações do contexto atual, mesmo pagando um alto preço nessas trocas. Falaremos agora das transformações provocadas com a introdução das redes sociais.

4 REDES SOCIAIS

O desenvolvimento tecnológico, em conjunto, com o crescimento das redes sociais tem provocado uma série de modificações no comportamento e nas relações sociais dos sujeitos. Embora, as redes sociais tenham como um dos objetivos à facilitação da comunicação percebe-se que a interação entre os sujeitos passou a ser de ordem superficial, em que o que se busca é a aprovação através do olhar do Outro e, não a construção de laços sociais. Além disso, vê-se uma inversão da vida privada, em que o que antes era individual passou a ser coletivo ao passo que tudo é compartilhado.

Essa autoexposição infere-se ao fato de que o sujeito está em busca constante de alguma aprovação e, esta se trata de uma autoafirmação da qual o sujeito narcisista necessita, pois como afirma Freud no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* ([1914]/1996) o narcisismo surge deslocado em direção ao ego ideal, que se acha possuidor de toda perfeição da qual o sujeito não pretende renunciar. A perfeição seria uma espécie de fantasia para tamponar o que falta. Nas redes sociais a fantasia funciona como uma armadilha do olhar do sujeito, o qual se deixa fascinar e, no qual impera o desejo de ser objeto de desejo do Outro, pois a ordem dada pela fantasia seria a de ser reconhecido pelo Outro.

O sujeito narcisista que solicita o outro como espectador de seu espetáculo, o coloca em uma celebração do eu e não constitui, propriamente, com este um relacionamento com a alteridade (DEL BELLO; ROCHA, 2012). Assim, o que se instaura nas redes sociais é o vislumbre da própria imagem, tanto o eu quanto o outro objetivam o gozo através do olhar do Outro. Esse vislumbre pode ser medido a partir dos comentários e dos “likes” feitos nas postagens que o sujeito faz nas redes sociais.

A sociedade do Discurso Capitalista produz uma nova economia libidinal que se nutre pela fabricação de “falta de gozo”, uma vez que produz sujeitos insaciáveis em

sua demanda de consumo de produtos, que operam como causa de desejo (OTERO, 2013).

O discurso capitalista, onde o S^1 , está reprimido e a mortificação de gozo não opera, tem consequências verificáveis nos corpos, já que não há limites à produção do mais-de-gozo que se multiplica. O sujeito, então, está prisioneiro do amor absoluto do consumo e se transforma, mais que em consumidor, em objeto consumido (LAIÓN, 2016, p. 108).

Os sujeitos dessa construção formam laços rompidos em que cada um produz um empuxo à criação de sujeitos cada vez mais solitários no qual se promove um gozo de dar a ver. Como representante desses sujeitos solitários, temos as *selfies*, esta palavra surgiu em 2003, sendo inicialmente usada nas redes sociais para compartilhar fotos. Contudo, foi em 2013, com a inclusão da dupla câmera nos telefones moveis que as *selfies* se popularizaram. Inicialmente, essas tinham como objetivo marcar a historicidade do sujeito, assim como, sua identidade. No entanto, o “por si mesmo” – *selfie* – implica a tentativa de estabelecer algum vínculo virtual com os outros, que se dá por meio dos likes, compartilhamentos e etc. Assim, a *selfie* ao invés de historicizar, serve muito mais para fortalecer as solitárias experiências do sujeito e o consumismo, “que o faz responder, com uma identidade ou com um falso ser, de maneira precária ao ancoradouro temporal do eu” (ARANGO, 2016 p. 276).

O *selfie* nos é mostrado como uma tentativa de construir signos que não chegam a dar consistência ao corpo, operação que se alcançava, ainda que parcialmente, no estádio do espelho. Então trata-se de um imaginário a ser pensado em função da clínica dos nós, do sinthoma, onde o simbólico e o real também dão coordenadas ao corpo. Miller indica que o corpo falante goza, portanto, em dois registros: por um lado goza de se mesmo, se afeta de gozo, se goza – uso do verbo na forma reflexiva –, por outro lado, um órgão desse corpo de distingue de gozar por si mesmo, ele condensa e isola o gozo à parte que se reparte entre os objetos *a* (ARANGO, 2016, p. 277).

O narcisista contemporâneo transforma o sujeito em objeto, e, por conseguinte, a figura do outro se faz necessária para a validação da própria autoestima. “O compartilhamento é uma das bases do *selfie*, mas a obsessão do indivíduo consigo mesmo denota a fragilidade do “eu” e abre espaço para que o narcisismo se instale (SOBRINHO, apud LIMA, 2015, p. 12). Essa fragilidade do “eu” faz com que o sujeito busque a aprovação do outro para se sentir completo. Infere-se assim, que as relações mediadas pelo virtual podem ser as responsáveis pelo apartamento do sujeito com a sua singularidade, conduzindo a:

plasmar-se no personagem espectral, que por sua vez é perpassado pela relação simbiótica entre mídia e o campo do imaginário do indivíduo. Da mesma forma, a ausência de uma interação real (face-a-face) sob o privilégio das relações virtuais (como relações mantidas via chat), parece facilitar uma comunicação psicologicamente distante entre os interlocutores, devido a pouca fidelidade de uma interação dessa natureza (GUEDES; ASSUNÇÃO, apud SOUSA; LIMA, 2015, p. 7).

Com o consumo das redes sociais, o indivíduo passa a buscar fora de si, meios para socializar, no entanto, essa busca esbarra numa “espécie de socialização marcada pelo narcisismo e baseada no consumo, aparências e desempenho social ressaltando o valor atribuído a um ‘eu performático’” (GONÇALVES, apud SOUSA; LIMA, 2015, p. 7). Difundindo-se, assim, uma autoimagem construída com fins de autopromoção, não obstante, o sujeito que se expõe na internet participa de uma dualidade, pois ao passo que ele se dá a ver, ele também ver.

No paradoxo das redes sociais – ver e ser visto –, o objeto *a* é o que tampona a falta de gozo. Sabendo que a pulsão não se satisfaz por completo sempre resta algo do gozo, o mais-gozar. O olhar, enquanto *a*, pode se fazer presente para o sujeito com uma conotação de prazer ou dor, pela atividade da pulsão escópica. O sujeito da contemporaneidade procura por sua completude no objeto e não mais no sentido. A construção de si a partir do olhar do Outro presente no estádio do espelho elucidada a formação do eu a partir do “eu ideal”, ou seja, o sujeito se identifica e obtém a sua unidade corporal a partir da imagem disposta no espelho. Assim, o sujeito toma a imagem e o olhar do outro para a construção de seu próprio eu.

Nas redes sociais o sujeito se dá a ver e a assistir e, nesse palco em que todos querem ser protagonistas, coloca-se em tela um gozo em que todos gozam e se tornam objetos de gozo. O olhar que sustenta o escopismo faz existir o Outro como receptor e detentor do gozo (QUINET, 2002).

O olhar em questão na psicanálise não é um olhar do sujeito e sim um olhar que incide sobre o sujeito, é um olhar que o visa: olhar inapreensível, invisível, pulsional. O olhar é um objeto apagado do mundo de nossa percepção, que não deixa, no entanto, de nos afetar: a visão predomina sobre o olhar excluindo-o do campo do visível. Nessa separação entre o olho e o olhar encontra-se a esquizofrenia do sujeito em relação ao campo escópico no qual se manifesta a pulsão. A pulsão está na base do “dar-a-ver” do sujeito e o afeta através de um olhar que o objetiva e ao mesmo tempo se encontra excluído da visão (QUINET, 2002, p.41).

O olhar não se encontra no campo da visão, o olhar é o invisível da visão. Embora às vezes esse olhar não possa ser visto, ele afeta o sujeito. Existe, uma demanda

do sujeito de ser visto pelo Outro e, a busca por esse Outro que olha, o desejo de ser visto e o gozo pelo olhar, coloca o sujeito, tanto em um polo passivo quanto ativo.

Assim como o masoquismo é retorno do sadismo; o exibicionista compartilha o gozo do voyeur, tendo em vista que o olhar dá a volta no outro para retornar ao próprio corpo. O exibicionista se exhibe para que, em troca, alguém se exhiba para ele, nessa ambivalência do ver e ser visto, o sujeito a quem o indivíduo se exhibe para ser olhado por ele, faz do sujeito da pulsão um “ser olhado” como um objeto, enquanto esse outro do “olhar” é o sujeito que vê (QUINET, 2002).

No voyeurismo, o sujeito e o objeto, estão no próprio olhar, como objeto perdido e repentinamente encontrado. Para o voyeur, o circuito da pulsão escópica só se arremata quando ele é pego em flagrante pelo olhar de outrem, isto é, quando ele, por sua vez, é olhado. Nesse se faz olhar, ele se torna puro olhar (QUINET, 2002, p. 84).

Infere-se que o consumo massivo das redes sociais, pode ser uma tentativa de defesa diante da angústia nascida da falta de recursos para encarar a interrupção do gozo do Outro. Nas redes sociais, o sujeito narcisista mostra a sua perfeição, em busca da apreciação do outro. É no caminho da interação social que o sujeito sofre a ambivalência exibicionista-voyeur, pois ao buscar o olhar do outro sobre sua imagem ele acaba por olhar.

A sociedade imersa na tecnologia, propõe um mercado que alimenta o visual por meio das redes sociais, que propagam o império do olhar, do gozo e da satisfação imediata. O chamamento pela imagem virtual, é usada para fascinar o espectador, submergindo-o em um mundo imaginário, o qual alimenta a idealização e o gozo escópico.

A imagem esconde a falta de castração, experienciação dos limites, ou seja, as reais possibilidades do sujeito que hipnotizado pelo *show*, pensa dispor de completude, e com ele busca negar a falta cotidiana. Na prática cada um converte-se em alvo e fonte do olhar, vigia e é vigiado. O reducionismo oriundo do binômio ver/ser-visto leva na prática à busca pelos “minutos de fama” e à vigilância permanente através do controle visual (SOUSA; LIMA, 2015, p. 9).

A imagem que é produzida e compartilhada pelo Outro, faz com que espectadores interagiam na mesma espacialidade e temporalidade, que está remetida ao seu caráter de fenômeno de massa.

Contudo, esse fenômeno de massa coloca a margem os limites do público e do privado, em que com a esfera pública virtual invade o pessoal em prol da autoafirmação e obtenção de satisfação pessoal. A busca pelo olhar, pelo reconhecimento, está tirando

do sujeito a demarcação de espaço que corresponde ao eu e ao outro. Ao passo que esse exagerado apelo virtual faz com que o indivíduo exponha até mesmo o que há de mais íntimo, suas relações sexuais. Prova disso, foi uma corrente que surgiu a pouco, em que os casais publicavam fotos de suas intimidades, na cama ou qualquer outro cômodo que sinalizasse para a ideia sexual, além disso, surgiu também o sexting, uma forma de compartilhar nudes através de aplicativos em substituição à mensagem escrita.

Essa “exintimidade” – exibição de uma intimidade que já não o é:

é própria de uma sociedade que pretende substituir o enigma do olhar pela visão total do olho eletrônico e suprimir o “fora do campo” que estrutura o sujeito. Mas a opacidade que assim se pretende liquidar retorna no real do corpo como gozo exibicionista e voyeurista ou como empuxo à queda da cena fantasística, em um desconhecimento cada vez maior do próprio gozo singular (SANABRIA, 2016, p. 262).

Essa era virtual vem desenvolvendo sujeitos cada vez mais ligados às redes sociais a ponto de parecer indissociável a sua existência da mídia. A exposição demasiada na qual o eu se encontra em constante evidência pública, por meio da imagem e do olhar contribui para o crescimento da cultura narcísica e dos seus sujeitos solitários (SOUSA; LIMA, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse estudo, buscou-se analisar, a partir de uma breve revisão bibliográfica, a proposição de que a exposição da imagem corporal nas redes sociais no contexto atual está colocando o sujeito em uma posição exibicionista e voyeur nas redes sociais e, que em prol disso está cada vez mais abdicando de sua vida privada, enaltecendo o narcisismo contemporâneo.

É possível perceber que os laços sociais contemporâneos estão se tornando, cada vez mais, superficiais em virtude da demanda virtual que isola o sujeito, colocando-o diante de uma tela que enfoca a sua individualidade e o seu narcisismo em uma busca por visibilidade, reconhecimento e aceitação.

Nessa *cibercultura* o sujeito constitui-se segundo o que é socialmente agradável e aceito. Assim, nas redes sociais os sujeitos se exibem como se estivessem em um palco de teatro, mas nas redes o aplauso é convertido no olhar do outro, e o que antes tinha por objetivo construir relações baseadas nos interesses em comum e na criação de laços sociais, tornou-se construção de interesse por reconhecimento, que alimenta e cultua a

imagem e o ego do sujeito narcisista, o que ocasionou na conformação de uma sociedade de laços superficiais.

A partir da propagação da autoimagem e do consumo exacerbado das redes sociais a vida cotidiana passou a ser palco da “espetacularização”, em uma profusão de imagens em que o sujeito clama por atenção como uma forma de suprir a sua falta através do olhar do Outro. A visibilidade contemporânea, desse modo, passa a legitimar o sujeito a partir dos fatos e eventos que este expõe em rede, elevando a vida cotidiana ao patamar de espetáculo, no qual os limites entre público e privado estão cada vez mais confusos.

Percebeu-se, portanto, que o sujeito que está enredado nessa cultura de massas que se tornaram as redes sociais, é fígado pelo seu narcisismo que surge como uma insegurança, que para ser tamponada busca a visão do seu eu refletido na atenção alheia. Assim, a medida que sua imagem é aceita pelos outros através de “likes”, “compartilhamentos”, etc, seu eu é enaltecido e a falta do olhar do Outro é “suprida”.

A figura do outro nas redes sociais é transformada em objeto para a validação da própria imagem, do gozo. Com isso, denota-se que o outro, muitas vezes, não é chamado a construção de um laço social, mas sim usado como um objeto para satisfazer o eu fragilizado do sujeito narcisista.

Em face das observações realizadas, infere-se que as redes sociais estão abrindo espaço para os sujeitos narcisistas, o individualismo e a transformação da vida privada em um espetáculo e, com isso criando relações e sujeitos superficiais e fragilizados que sempre estão em busca do reconhecimento e do olhar do Outro para se satisfizer.

Torna-se possível afirmar, portanto, que as redes sociais e a exposição exacerbada da imagem estão enaltecendo uma cultura narcisista, e afrouxando o estabelecimento de laços sociais, pois o que predomina entre os sujeitos imersos na *cibercultura* é o individualismo.

ABSTRACT

This study is a bibliography search, which aims to hold a discussion about the exposure of the corporal expressions on social networks. For that, it brings an analysis of the contemporary society changes and their influences in the formation and significance from the subject, as well the gaze's function and the taking from the other as an object of satisfaction from the enjoyment of the narcissist individuo. As theoretical structure, makes use of studies by Freud (1996), Lacan (2008), Quinet (2002), Bauman (2001), among others. Social networks as a focal point of the study, makes us reflect how we are living the mirror's age, where the image overlaps at the being, emerging so, narcissistic subjects, individualists, and turning the private life in a spectacle. What was created as a communication's vehicle for to aproximate the individuos, today is seen as a medium that creates superficial social ties.

Keyword: Psychoanalysis, Narcissism, Social Networks, Body image.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANGO, Juan Felipe. *Selfie*. O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001.

BIRMAN, Joel. O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. **Considerações sobre o eu e o corpo em Lacan**. In: Estudos de psicologia. São Paulo, 2002.

DAL BELLO, Cíntia; ROCHA, Debora Cristine. **A projeção do sujeito como objeto de desejo e de consumo nas redes sociais digitais**. II Seminário Internacional de Pesquisa: CONSUMO – Afetividades e Vínculos - A cidade, o lugar, o produto. São Paulo, 2012.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In: O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.

_____. **O ego e o id**. In: O ego e o id e outros trabalhos. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975/1986.

LAIÓN, Adriana. **Espectáculo**. In: O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

- LIMA, Cláudia Cyléia de. **O *selfie* como expressão de moda e narcisismo contemporâneos.** Piauí: Moda Documenta – Museu, Memória e Design, 2015.
- MELMAN, Charles. O homem sem gravidade: Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. **Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade.** In: Estudos e pesquisas em psicologia, v.9 n.1. Rio de Janeiro, 2009.
- NETO, Fuad Kyrillos. **Psicanálise e corpo na contemporaneidade.** III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2008.
- OTERO, Christianne. **Os laços sociais na era virtual: um novo discurso?** Rio de Janeiro, 2013.
- QUINET, Antonio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise.** 2. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SANABRIA, Ángel. **Privacidade.** In: O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.
- SOUSA, Leila Lima de; LIMA, Flora Fernandes. **Existo quando sou visto: identidade e laços sociais criados em rede.** IN: Simpósio Internacional de Tecnologia e Narrativas Digitais. Maranhão: LABCOM Laboratório de Convergência de Mídias, 2015.
- VIANNA, Ana Cristina de Araújo. **O mito de narciso e a psicanálise.** Jornada de Psicanálise: Circuito Psicanalítico de RGS. Porto Alegre, 2014.